



PERCEPÇÃO DA TERCEIRA IDADE SOBRE A PANDEMIA DE COVID-19: ATENÇÃO REDOBRADA OU ETARISMO?

Karina Juliana Francisco⁷⁶ – Universidade Estadual de Campinas

Resumo:

A pesquisa em andamento tem o objetivo de analisar a percepção de um grupo de pessoas acima de 60 anos sobre a pandemia de Covid-19. A escolha da faixa etária da população-alvo se deu por serem essas pessoas consideradas parte do grupo de risco por sua maior probabilidade de complicações e óbito na contração na doença. A grande proporção de assuntos relacionados à saúde e saúde pública na cobertura de ciência e à singularidade do momento que vivemos justifica a atenção a este tema na pesquisa. Portanto, o objetivo é investigar como essas pessoas recebem, analisam e passam as informações à frente quando o assunto é Covid-19. Buscarei como objetivos específicos compreender como a ciência se incorpora, ou não, ao cotidiano dessas pessoas, voluntários na pesquisa; investigar os sentimentos e reações que essa faixa etária teve ao ser classificada como grupo de risco durante a pandemia tratada; analisar a relação de confiança e compartilhamento de notícias sobre a pandemia de Covid-19, principalmente as relativas aos cuidados e tratamentos; por fim, analisar como as notícias tiveram efeitos na noção de risco da população, alterando seus hábitos, levando em consideração a questão cultural, durante a crise sanitária. O estudo será feito por meio da aplicação de grupos focais compostos por cerca de 10 pessoas cada, escolhidas por idade e sem comorbidades graves. Estudos de percepção feitos com públicos e temas específicos podem colaborar com o desenvolvimento da Divulgação Científica e com políticas de educação científica.

Palavras-chave: Covid-19. Percepção Pública da Ciência. Divulgação Científica. Terceira Idade. Pandemia

Abstract: Alignment strategies sought to analyze the perception of a group of people over 60 years old about the Covid-19 pandemic. The choice of the age group for the target population was since these people are considered part of the risk group due to their greater probability of complications and death when contracting the disease. The large proportion of issues related to health and public health in the coverage of science and the uniqueness of the moment we are living justifies the special attention to this research topic, therefore the objective is to investigate how these people receive, analyze and pass forward information when it comes to Covid-19. As specific objectives, my aim is to understand how science is incorporated, or not, into these volunteer people daily lives; investigate the feelings and reactions that this age group had when being classified as a risk group during the pandemic; analyze the relationship of trust and sharing of news about the Covid-19 pandemic, mainly related to care and treatments; finally, analyze how the news had affected the notion of risk by the population, changing their habits, taking into consideration the cultural issue during the health crisis.

The study will be conducted through applications of focus groups composed of about ten people each; without mental comorbidities and selected by age. Perception studies carried out with specific audiences and selected themes can collaborate with the development of Science Dissemination and with science education policies.

Keywords: Covid-19. Public Perception of Science. Scientific Communication. Elderly. Pandemic.

1. Introdução

A reflexão aqui inserida faz parte do tema de minha dissertação de mestrado, ainda em construção, e busca analisar a percepção de um grupo de pessoas acima de 60 anos sobre a

⁷⁶Jornalista e Mestranda em Divulgação Científica e Cultural. E-mail: karinajuliana.kjf@gmail.com.



pandemia de Covid-19. As pesquisas de percepção na área de Ciência e Tecnologia têm avançado consideravelmente com *surveys* nacionais e internacionais. Porém, o assunto precisa ser profundamente estudado de maneira qualitativa para podermos observar algumas nuances mais de perto e com mais atenção em uma população específica. Os estudos de Percepção Pública da Ciência e Tecnologia têm origem na década de 1950, com a fundação da National Science Foundation (NSF), nos Estados Unidos. Um ano depois surge, já no Brasil, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), o primeiro a promover a pesquisa survey de Percepção Pública de C&T, em 1987. Um pouco antes das pesquisas se iniciarem em nosso país, a NSF começou suas pesquisas *surveys*, que ocorrem até hoje a cada dois anos, em 1979. E no ano de 1974, a Europa começa sua pesquisa, denominada Eurobarometer.

Outro fator histórico para o campo foi o relatório da Royal Society, de 1985, em que foi constatado que a ciência pode ser um elemento fundamental na promoção da prosperidade nacional, aumentando a qualidade da tomada de decisão pública ou privada e enriquecimento da vida do indivíduo (BODMER, 1985). O objetivo das pesquisas não é verificar o quanto uma população sabe sobre ciência, colocando questões como certas ou erradas, mas avaliar a percepção das pessoas sobre o seu próprio conhecimento na área e qual a importância que ela tem em sua vida diária. Dentro dos estudos de percepção, é reconhecido que o brasileiro tem interesse em assuntos de Ciência e Tecnologia e apoia maior investimento na área, mas não tem atitudes relacionadas ao tema, como ir ao museu, ler frequentemente sobre o assunto na mídia ou participar de uma pesquisa cidadã.

Os brasileiros entendem que o fazer científico é a chave para o nosso futuro. Eles respeitam e valorizam a ciência e a tecnologia e esperam maior investimento, mas têm pouco acesso a espaços culturais e baixo consumo de informações sobre ciência e tecnologia. Cabe à sociedade, à comunidade científica e ao governo unir forças para difundir a C&T no País (CGEE, 2019, p. 21)

Em nosso contexto, o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações fez sua primeira pesquisa de percepção em 1987. Anos após essa experiência, o Departamento de Difusão e Popularização da Ciência e Tecnologia, da Secretaria de Ciência e Tecnologia para Inclusão Social no Ministério da Ciência e Tecnologia replicou a experiência em 2006 e em 2010. Finda a existência da Sectis, os dois últimos estudos foram realizados pelo Centro de Gestão e Estudos Estratégicos em 2015 e 2019, com a participação de consultores contratados, como pesquisadores ligados ao Museu da Vida, da Fiocruz, à Universidade Federal de Minas Gerais, entre outros. Ao analisar os dados, pouco é comentado a respeito da percepção de idosos, a não ser que o interesse por C&T cai fortemente com a idade. Entre os jovens, o tema é considerado



o mais interessante, junto com meio ambiente, enquanto que entre idosos, se destacam saúde e religião. Além disso, a idade só é citada em mais dois casos na pesquisa

“A preocupação com alimentos geneticamente modificados é elevada em todos os grupos sociais, tende a crescer com a idade dos entrevistados [...] a apreensão com o uso de agrotóxicos na agricultura aumenta com a idade. Os jovens e os homens declaram menos preocupação com os efeitos das mudanças climáticas.” (CGEE, 2019, p.18).

Em um contexto pandêmico, as mudanças de hábito reforçadas pela mídia influenciaram toda a população e colocaram a faixa etária de mais de 60 anos em evidência. Adiciona-se o fato de que, como explicado por Anderson et al. (2020), havia muitas incertezas sobre o vírus no início do ano de 2020 e, com isso, muita informação e desinformação foram veiculadas. Para tomar os devidos cuidados, a população precisou adquirir novos hábitos como usar máscaras e álcool em gel para higienizar as mãos. Nessas circunstâncias, a população idosa foi considerada um grupo de risco, por sua maior probabilidade de complicações e óbito na contração da doença. Com isso, em um momento de incertezas e medo de contágio, a atenção com o cuidado aos idosos foi redobrada, mas, controversamente, acabou ressaltando o etarismo, preconceito em relação a essa idade. O resultado foi o aumento de situações de infantilização e dependência das pessoas que fazem parte desse grupo, ao invés da elaboração de políticas que incluíssem suas necessidades e respeitassem sua autonomia.

2. Idosos no Brasil

Dos cerca de 210 milhões de habitantes do país, 37,7 milhões de brasileiros possuem 60 anos ou mais (IBGE e Dieese, 2021). Segundo a classificação da Organização Mundial da Saúde (OMS), que considera idosa a pessoa acima de 60 anos, o país já é considerado uma nação idosa. Desde 2016, o Brasil tem a quinta maior população idosa do mundo, e a tendência é aumentar, visto que medicamentos e tratamentos estão aumentando a qualidade e o tempo de vida da população global (MACHADO, 2019). Ser idoso faz parte de uma construção social para promover a autonomia, integração e participação efetiva na sociedade dessa faixa etária, o que também acompanha os interesses econômicos do país, pois cada vez mais idosos terão que trabalhar para prover o sustento principal das famílias⁷⁷.

Estudos com foco nessa faixa etária costumam ser da área da saúde. Apresentam diversidade de temáticas, e grande foco na busca de melhorias da qualidade de vida e conforto dos indivíduos. Mas em vista da enorme representatividade do grupo na população, estudos que

⁷⁷ Como disponível em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2021-10/dia-nacional-do-idoso-conheca-politicas-publicas-para-essa-populacao>. Acesso em 25 fev. 2022.



olhem profundamente para os idosos, que considerem a diversidade dentro do grupo e preocupações específicas são desejáveis e necessários. Por exemplo, a percepção do grupo sobre sua classificação como grupo de risco durante a pandemia de Covid-19, assim como é importante dar atenção ao que essa parcela etária tem a dizer sobre informações recebidas e transmitidas sobre C&T nesse período. “Isso exige que consideremos a perspectiva da interseccionalidade, que engloba a ideia de que as pessoas podem experimentar simultaneamente opressão e privilégio a partir de certas características individuais e dependendo do contexto da situação” (GOLDANI, 2010).

Um caso recente a ser ressaltado, de julho de 2021, foi a intenção da OMS de classificar a velhice como uma doença, incluindo-a na lista de Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID)⁷⁸. Muitos órgãos e especialistas no envelhecimento foram contra pois defendiam que a posição poderia mascarar outros problemas de saúde graves, interferir em tratamentos e aumentar o preconceito. A própria organização acabou cedendo à pressão e recuando, mas deixou marcado mais um caso em que a velhice foi vista negativamente e de forma negligenciada.

Além de todos os fatores já apresentados, não podemos nos esquecer do estereótipo difundido da figura do idoso, que perpassa, e muito, pelo preconceito e o medo de envelhecer. Com o capitalismo, a utilidade do indivíduo começa a ser medida em relação ao seu trabalho e, como muitos já se aposentaram, são classificados como não úteis. O que não se percebe é como os idosos têm um papel importante no seio familiar, especialmente quando cabe a essas pessoas os cuidados relacionados aos netos e à casa, e até mesmo sob o aspecto financeiro, quando sua renda complementa a da casa ou é a principal fonte para a manutenção da família.

3. Pandemia de Covid-19

A grande proporção de assuntos relacionados à saúde e saúde pública na cobertura de ciência e à singularidade do momento que vivemos, justifica essa atenção especial a este tema na pesquisa. A pandemia de Covid-19 se tornou um debate político, científico e social, intensificando problemas sociais já existentes no Brasil, como o próprio etarismo e o despreparo para situações de emergência por parte de órgãos públicos. O primeiro caso de covid-19 identificado no Brasil e a primeira morte foram de pessoas com idade perto dos 60 anos.⁷⁹

⁷⁸ Como exposto em <https://oglobo.globo.com/saude/oms-inclui-velhice-em-lista-doencas-sob-criticas-dos-especialistas-25054424>. Acesso em 30 mai. 2022

⁷⁹ Disponível em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-06/primeira-morte-por-covid-19-no-brasil-aconteceu-em-12-de-marco>. Acesso em 30 de mai. 2022; Disponível em



Além de todas as condições já citadas, a situação de isolamento social proposto como medida de segurança para evitar contaminação pelo coronavírus, frente à ausência de vacinas ou tratamentos eficazes para combater a doença, pode trazer um sentimento de abandono e solidão para a terceira idade. Normalmente já é vivenciado nessa idade o abandono de atividades trabalhistas e responsabilidades da família e da casa, transferidas aos filhos, novos chefes do lar. Muitos idosos vivem sozinhos, apenas com seu cônjuge ou um(a) acompanhante ou em casas de longa permanência – as casas de repouso ou os antigos asilos. Soma-se a isso as dificuldades de adaptação tecnológica, comuns da idade. Com o advento de smartphones e chamadas de vídeo, é preciso aprender rápido e se adaptar ao mundo digital, que não é trivial para pessoas com mais de 60 anos. Mesmo assim, de acordo com Fernández-Ardèvol (2019), a partir de dados do NIC.br, em 2017 já havia um quarto da população idosa utilizando a Internet, enquanto a média nacional correspondia a 67% da população brasileira, representando um aumento de 15% em relação a 2015.

4. Procedimentos Metodológicos

Todas essas mudanças, de algum modo, trouxeram grandes impactos na vida dessas pessoas e, por isso, entende-se ser necessário analisar a percepção de como a terceira idade lidou com a pandemia, principalmente em relação a informações recebidas e compartilhadas⁸⁰. Portanto, são objetivos importantes para pesquisas qualitativas que possam investigar como essas pessoas recebem, analisam e passam as informações à frente quando o assunto é Covid-19; compreender como a ciência se incorpora, ou não, ao cotidiano dessas pessoas; assim como investigar os sentimentos e reações que essa faixa etária teve ao ser classificada como grupo de risco. Pretende-se, ainda, analisar a relação de confiança e compartilhamento de notícias sobre a pandemia de Covid-19 e como as notícias tiveram efeitos na noção de risco da população, alterando seus hábitos. As perguntas norteadoras que ficam são: como idosos se sentiram ao serem retratados como grupo de risco na pandemia da Covid-19?; como receberam e transmitiram informações neste período?

<https://www.unasus.gov.br/noticia/coronavirus-brasil-confirma-primeiro-caso-da-doenca> . Acesso em 30 de mai. de 2022.

⁸⁰ Como é possível verificar no Jornal da Band de 25/05/2021 - Como deixar os idosos menos depressivos durante a pandemia? Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F0sbIfmLWU>, acessado em 25/02/2022 ou em Jornal Nacional de 10/05/2021 - Idosos procuram maneiras de combater a solidão em tempos de pandemia - Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/05/10/idosos-procuram-maneiras-de-combater-a-solidao-em-tempos-de-pandemia.ghtml>, acessado em 25/02/2022.



Para isso, programa-se um estudo que será feito através da aplicação de um debate com grupos focais, compostos por cerca de 10 pessoas cada, selecionadas por idade. O método do Grupo Focal foi escolhido pois permite explorar conhecimentos e experiências dos participantes e pode ser usado para examinar não só o que as pessoas pensam, mas como elas pensam e por que elas pensam dessa maneira (KITZINGER, 1995). Também permite a observação de interações que se aproximam das que ocorreriam no cotidiano dos participantes, em uma reunião em circunstância que não fosse a da pesquisa. Segundo Gatti (2005), o grupo é denominado focalizado pois envolve a realização de uma atividade coletiva.

Todo o contexto e metodologia da pesquisa giram em torno da hipótese de que a classificação como grupo de risco fez com que atitudes de etarismo aumentassem. Ao mesmo tempo que deram destaque para o grupo de risco, pouca atenção foi dada à adaptação adequada de idosos ao isolamento por parte de familiares e órgãos públicos. O sentimento de solidão e medo que o distanciamento traz pode afetar mais a faixa etária acima de 60 anos, somando também que as dificuldades tecnológicas são um grande obstáculo para essa faixa etária se informar. O Brasil historicamente não tem se preparado com políticas públicas adequadas para a terceira idade e para lidar com a pandemia não se mostrou diferente.

Não podemos nos esquecer que esta pesquisa se insere na área de Percepção Pública da Ciência e Tecnologia e está sendo desenvolvida em um programa de divulgação científica e cultural, o que leva a analisar também o papel da mídia nas informações científicas que a população utiliza, pois “essa percepção é considerada uma janela importante para identificar processos de difusão e apropriação do conhecimento técnico e científico, bem como para a busca de mecanismos eficazes de participação cidadã em CT&I” (MASSARANI et al., 2019, p. 1).

Estudos de PPCT têm sido explorados em todo o mundo, buscando análises de engajamento público dos cientistas, suas dificuldades e prioridades na divulgação de ciência (DUDO; BESLEY, 2016), as representações científicas da televisão e relações entre a exposição à televisão e as atitudes em relação à ciência (DUDO et al., 2010), a presença das mulheres na produção científica internacional (MASSARANI et al., 2020), a concepção tradicional de públicos e os objetivos do porquê comunicar a ciência e as tensões existentes no campo (VIGNALE, 2020), além de formulações de indicadores qualitativos para monitoramento de práticas de apropriação social da ciência e tecnologia (DAZA-CAICEDO et al., 2017). Massarani et al. (2020) completam sobre a importância dos estudos de percepção pública:



Nesse sentido, estudos de percepção e seus impactos são ferramentas importantes para entender como os indivíduos respondem aos riscos em diferentes contextos sociais e, principalmente, como fornecem possibilidades de colaboração para a construção de pontes de conexão adequadas e de comunicação, identificando fatores determinantes da aceitação e adoção de medidas de proteção (MASSARANI et al., 2021, p. 3267).

Este artigo traz reflexões preliminares sobre o tema, ainda com forte embasamento da literatura das áreas de percepção pública da ciência, percepção de riscos e envelhecimento, que serão aprofundadas ao longo do desenvolvimento da dissertação, principalmente a partir da realização dos grupos focais. Portanto, ainda não tem resultados e discussão. A pesquisa encontra-se em fase inicial, mas já foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa nas Ciências Humanas e Sociais. Também já foi realizado um teste piloto de grupo focal, a partir do roteiro, como proposto por Kitzinger (1995). As perguntas que compõem o roteiro preveem três momentos do grupo, em que primeiro estão se ambientando e começando a pensar sobre o tema, depois há um momento intermediário para contarem suas histórias e sentimentos em relação à pandemia e, para o terceiro momento, o objetivo principal da pesquisa é abordado, que aqui representa a forma como receberam e compartilharam informações nesse período. Esse roteiro é norteador, não sendo necessário seguir o debate com o grupo focal na mesma ordem ou exatamente da mesma maneira que está no roteiro. Para o início do debate, haverá também um instigador, através de imagens que foram bastante disseminadas na pandemia, como a lei do uso obrigatório de máscaras, incentivos ao “fique em casa”, as vacinas, os medicamentos que ficaram conhecidos e imagens de algumas notícias como o auxílio emergencial, e algumas charges da época, entre outros tipos de imagens.

5. Considerações Finais

Considerando as mudanças que toda a população passou no período de pandemia e a atenção que a mídia deu aos idosos, é preciso investigar profundamente quais informações foram compreendidas, quais hábitos foram adotados e por quê. Analisar os processos vividos durante esse período singular permite compreender o processo de percepção da ciência no cotidiano da população.

O contexto pandêmico contribuiu para identificar os ruídos comunicacionais, crenças infundadas e desinformação sobre assuntos complexos que foram amplamente abordados pela mídia, mas nem sempre compreendidos e acolhidos pelo público, por questões culturais e mudanças de hábitos.

A qualidade da comunicação pública da ciência é – ainda mais do que no passado – altamente dependente da qualidade da pesquisa produzida e publicada em contextos



especializados. (...) Novas pesquisas são cada vez mais empurradas em tempo real para o domínio público sem serem "filtradas", como foi o caso nas últimas décadas, por mediadores e divulgadores profissionais (BUCCHI, 2017, p. 890, tradução nossa).

Espera-se poder contribuir para os estudos de Comunicação e de Percepção Pública ao refletir como um período de crise e incerteza impactou uma população que se tornou alvo de atenção por sua vulnerabilidade. Por fim, este estudo não visa generalizar a opinião de toda a faixa etária estudada, mas procura contribuir para identificar as nuances e os detalhes que estes grupos podem transmitir, qualitativamente.

Referências

- ANDERSON, R. M.; et al. *How will country-based mitigation measures influence the course of the COVID-19 epidemic?* The Lancet, 395, n. 10228, p. 931-934, 2020.
- BODMER, W (1985). *Public understanding of science*. London: Royal Society, 1985.
- BUCCHI, M. *Credibility, Expertise and the Challenges of Science Communication 2.0*. Public Understanding of Science, 2017, Vol. 26(8) 890–893, editorial.
- CGEE (2019) *Percepção Pública da C&T no Brasil – 2019*. Resumo Executivo. Brasília: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, 2019. Disponível em: https://www.cgee.org.br/documents/10195/734063/CGEE_resumoexecutivo_Percepcao_publica_CT.pdf
- DAZA-CAICEDO, Sandra et al . Hacia la medición del impacto de las prácticas de apropiación social de la ciencia y la tecnología: propuesta de una batería de indicadores. *Hist. cienc. saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro , v. 24, n. 1, p. 145-164, Jan. 2017.
- DUDO, A., & Besley, J. C. (2016). *Scientists' Prioritization of Communication Objectives for Public Engagement*. PLOS ONE, 11(2), e0148867.
- DUDO, A.; et al. *Science on Television in the 21st Century: Recent Trends in Portrayals and Their Contributions to Public Attitudes Toward Science*. *Communication Research*, vol. 38, 6: pp. 754-777., First Published December 14, 2010.
- FERNANDÉZ-ALDEVOL, F. Práticas digitais móveis das pessoas idosas no Brasil: dados e reflexões. *Panorama setorial da Internet*. Número 1. Março, 2019. Ano 11. Disponível em: https://www.cetic.br/media/docs/publicacoes/1/panorama_estendido_mar_2019_online.pdf , acessado em: 25/02/2022.
- GATTI, Bernardete Angelina. *Grupo focal na pesquisa em Ciências sociais e humanas*. Brasília: Líber Livro 2005, capítulos I e II.
- GOLDANI, A. M. "Ageism" in Brazil: what is it? who does it? what to do with it? Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepop/a/DfvmdJWBWvKRFgcTTdZCCdM/?lang=en>



Revista Brasileira de Estudos de População. Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 385-405, jul./dez. 2010.

IBGE. *Perfil das Pessoas com 60 anos*. Pnad Contínua (3º trimestre de 2020) e Pnad Covid19 (novembro de 2020). Elaboração Dieese. Fevereiro 2021. Disponível em:
<https://www.dieese.org.br/outraspublicacoes/2021/graficoPerfil60AnosMais.html>

KITZINGER, Jenny. Qualitative research. *Introducing focus groups*. Glasgow University Media Group, Department of Sociology, University of Glasgow G12 8LF. BMJ. 1995 Jul. 29; 311(7000): 299–302.

MACHADO, K. *Quem é a pessoa idosa*. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. EPSJV/Fiocruz | 19/09/2019. Disponível em:
[https://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/reportagem/quem-e-a-pessoa-idosa#:~:text=Desde%202016%2C%20o%20Brasil%20tem,Geografia%20e%20Estat%C3%ADstica%20\(IBGE\),](https://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/reportagem/quem-e-a-pessoa-idosa#:~:text=Desde%202016%2C%20o%20Brasil%20tem,Geografia%20e%20Estat%C3%ADstica%20(IBGE),) acesso em: 25/02/2022.

MASSARANI, L. et al. (2019) *O que os jovens brasileiros pensam da ciência e da tecnologia?* Resumo executivo. Disponível em:
http://www.coc.fiocruz.br/images/PDF/Resumo%20executivo%20survey%20jovens_FINAL.pdf

MASSARANI, L.; et al. *Uma análise dos artigos acadêmicos de divulgação científica na Argentina*. CTS: Revista iberoamericana de ciencia, tecnología y sociedad, ISSN 1668-0030, Vol. 15, Nº. 45, 2020, págs. 61-81

MASSARANI, L.; et al. *Confiança, atitudes, informação: um estudo sobre a percepção da pandemia de COVID-19 em 12 cidades brasileiras*. Temas Livres, Ciência & Saúde Coletiva, 26(8):3265-3276, 2021.

VIGNALE, J. *Ciencia, universidad y sociedad: Aportes y desafíos para una comunicación pública de la ciencia con perspectiva crítica*. Re-presentaciones: Investigación em Comunicación, Nº 14, Segundo semestre, 2020.